

RELAÇÕES FAMILIARES PERTURBADAS E DESENVOLVIMENTO INFANTIL*

Thelma Simões Matsukura

Docente do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Saúde Mental FMRP-USP

Resumo:

Este trabalho apresenta os aspectos teóricos implicados nas relações familiares perturbadas e o desenvolvimento infantil, através de minuciosa revisão de literatura expõe as informações e reflexões que pensamos de considerável importância para os profissionais que realizam algum tipo de intervenção com crianças.

Palavras-Chave: Relações familiares, Desenvolvimento infantil, Conflito parental, Saúde mental infantil.

INTRODUÇÃO

Ao decidir submeter este ensaio para publicação num periódico mais especificamente voltado aos temas da terapia ocupacional

propriamente dita, considereei alguns aspectos que me pareceram relevantes e que discutirei brevemente a seguir.

Apesar de se pautar basicamente em uma revisão bibliográfica específica sobre o tema em

* Ensaio apresentando na disciplina "Saúde Mental da Criança - 'Stress e Suporte Social no Contexto Familiar'" do Programa de Pós-Grad. em Saúde Mental do Departamento de Neuropsiquiatria e Psicologia Médica da FMRP - USP. 1993.

questão e, portanto, não haver nenhuma referência ou menção a respeito de possibilidades de intervenções clínicas de diferentes especialidades (incluindo-se aí terapia ocupacional) acreditamos que o conteúdo das informações e reflexões são de fundamental importância para os profissionais que realizam algum tipo de atuação com crianças.

Com relação a realidade da terapia ocupacional na área de saúde mental, vale ressaltar a emergência de uma área de atuação que vem se consolidando, ou seja, a intervenção do terapeuta ocupacional na área de Saúde Mental/Psiquiatria Infantil, seja ela a nível primário, secundário ou terciário. Neste sentido, o presente ensaio pode ser contributivo para a concretização mais ampliada e efetiva desta prática.

A maioria dos estudos localizados focaliza a relação conjugal ou a relação pais-crianças quando perturbadas e os problemas de desenvolvimento / ajustamento apresentados pelas crianças (Christensen e Margolin, 1988; Gottman e Katz, 1989; Grych e Fincham, 1990; Jouriles et al, 1989).

É de se considerar que tal fato se justifica na medida em que podemos observar que a estrutura familiar tem os pais como figuras centrais - na medida que cabe a eles as diversas funções nesta mesma estrutura - ex. cuidar, fornecer afeto, educar, mediar conflitos (irmãos, colegas), proteger / serem suportivos para as diferentes demandas da criança. Portanto, uma perturbação na relação conjugal (conflito parental) e/ou na relação pais-crianças (no caso de maus tratos, por exemplo), muito

provavelmente significará uma situação familiar perturbada como um todo.

Neste sentido, dividiremos esta discussão em dois tópicos (divisíveis apenas com o objetivo didático):

1. Conflito marital X Desenvolvimento / Ajuste da criança;
2. Violência Familiar.

1. DISCÓRDIA MARITAL X DESENVOLVIMENTO/AJUSTE DA CRIANÇA

A discórdia marital tem sido associada com inúmeros indícios de desajustamentos nas crianças (Gottman e Katz, 1989; Grych e Fincham, 1990; Hetherington et al 1989; Christensen e Margolin, 1988) - incluindo agressividade, desordens de conduta (delinqüência, comportamento anti-social) e ansiedade / depressão.

Constatou-se também que o conflito marital está mais intimamente associado com problemas infantis do que o grau de satisfação marital.

Na minuciosa revisão de literatura realizada por Grych e Fincham (1990), 15 dos 19 estudos abordados suportam a existência da relação entre conflito marital e o ajustamento das crianças.

Hetherington et al apud Grych e Fincham (1990) observam que “apenas o grau do conflito no

qual as crianças estavam expostas eram relacionados com problemas das crianças - o 'conflito encapsulado' ou o conflito que a criança não notava, não estava associado ao problema de conduta da criança". Já Grych e Fincham (1990), consideraram outras dimensões importantes do conflito, além do grau, que estariam implicadas nas respostas das crianças ao conflito marital; apresentamos a seguir, de forma sucinta algumas considerações dos autores sobre este tópico.

DIMENSÕES DO CONFLITO

Várias dimensões devem ser consideradas, principalmente a frequência / duração, a intensidade, o conteúdo e a resolução do conflito.

a. Frequência/Duração

Os autores apresentam várias considerações relativas à questão de que quanto maior a exposição ao conflito maior será a possibilidade de que se aumentem os efeitos negativos sobre a criança (maior stress e maior incidência de problemas de comportamento).

O aumento da exposição ao conflito parental pode ter dois efeitos contrastantes:

1. os problemas de conduta da criança diminuem - porque a criança começa a se dessensibilizar ao conflito;

2. e o mais freqüente - o conflito deve sensibilizar a criança a apresentar uma maior incidência de problemas de ajustamento.

b. Intensidade

A intensidade também pode ser conceitualizada no grau de afeto negativo ou hostilidade expressada pelos pais. Cummings apud Grych e Fincham (1990) relata que "formas verbais e não-verbais de agressão tem sido associadas como causa de angústia em crianças".

c. Disputa

Dun e Munn apud Grych e Fincham (1990) consideram que "as crianças respondem diferentemente ao conflito dependendo do tópico do mesmo".

Temos que os conflitos envolvendo as crianças diretamente podem ser particularmente stressantes porque levam as crianças a questionar seu lugar na família, os sentimentos dos pais sobre elas ou a se culparem pelo problema.

d. Resolução

Provavelmente, pais que resolveram com sucesso seus conflitos proveram modelos positivos de solução de problemas para suas crianças - as quais devem ter um aumento da sua competência social.

Por outro lado, aonde a resolução do conflito foi pobre deve-se produzir uma tensão contínua na família.

Christensen e Margolin (1988) também consideram que “quanto mais o conflito atravessa diferentes participantes e situações menos ele poderá ser resolvido rapidamente”, ressaltando que isto é bastante provável de ocorrer em famílias experienciando o conflito marital.

As variáveis mais relacionadas às crianças e que podem interferir na resposta da criança ao conflito, também discutidas por Grych e Fincham (1990), serão colocadas a seguir:

a. Gênero

Estudos recentes têm considerado que o conflito está mais intimamente ligado aos problemas de conduta em meninos do que em meninas.

Outros estudos, usando mais medidas de satisfação marital do que de conflito marital, apontam que o descontentamento marital é mais

intimamente ligado a problemas de externalização e em meninos e de internalização em meninas.

Mas especificamente em relação ao conflito marital e à diferença no sexo da criança, os autores relatam que nenhum dado conclusivo foi obtido, e acrescentam que alguns observam a existência de relações significantes entre conflito parental e a internalização e externalização dos problemas em ambos, meninos e meninas (Grych e Fincham, 1990).

b. Idade da Criança

Hetherington apud Grych e Fincham (1990) sugeriu que “crianças em idades diferentes diferem nas suas compreensões ou habilidades em lidar com o conflito parental”, mas não há um grupo particular de idade que é mais afetado que outro.

Consideramos ainda a importância de mencionar pelo menos dois mecanismos envolvidos no conflito marital X ajustamento infantil, que também são abordados como influenciando as respostas das crianças ao conflito marital (Grych e Fincham, 1990). Apresentaremos então, de forma breve, tais mecanismos.

a. Modelação

Johnson e O’leary apud Grych e Fincham (1990) relatam que “mães de meninas com desordem de conduta eram mais hostis e os pais mais

agressivos do que mães e pais de meninas que não apresentavam desordem de conduta”, observam que os dois grupos de pais apresentavam igual grau de satisfação marital.

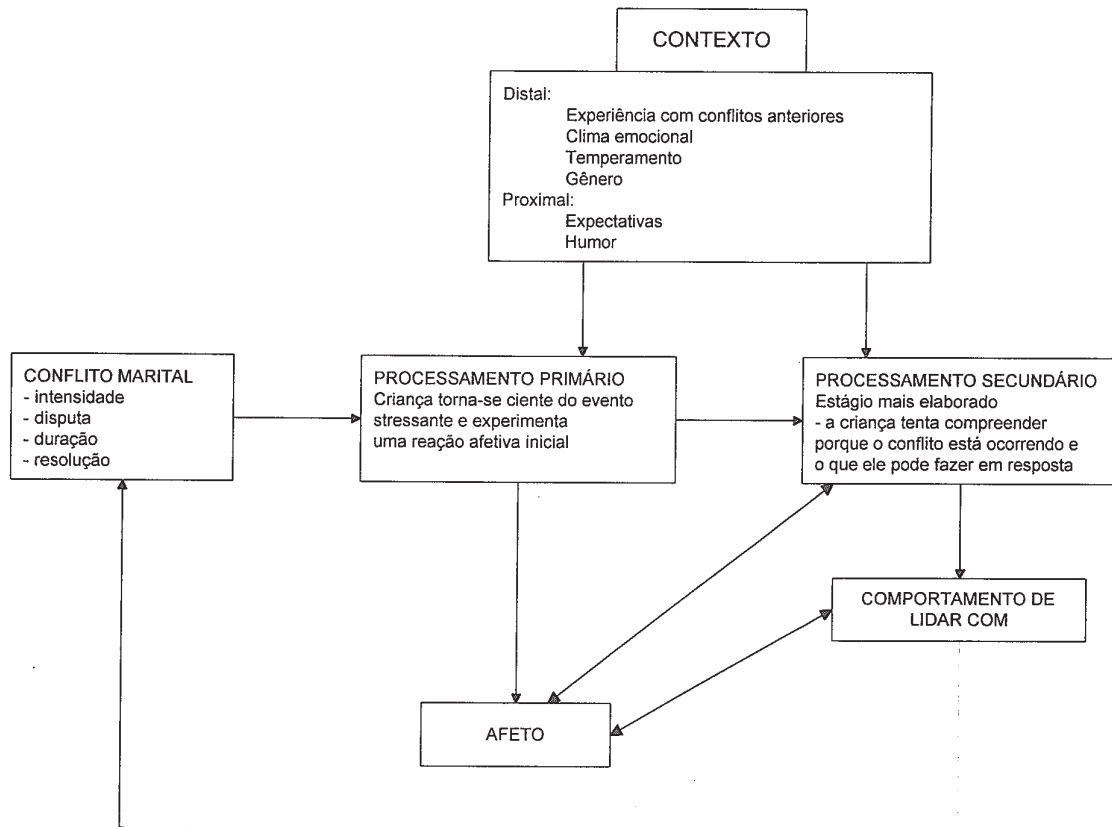
Os autores também consideram que, se os pais são hostis e agressivos durante o conflito, as crianças podem aprender a agressão e aceitá-la como forma de agir.

b. Relacionamento pais-crianças

Vários autores tem observado que o conflito parental está associado aos problemas de comportamento porque eles levariam a uma deterioração na relação pais-crianças (Grych e Fincham, 1990).

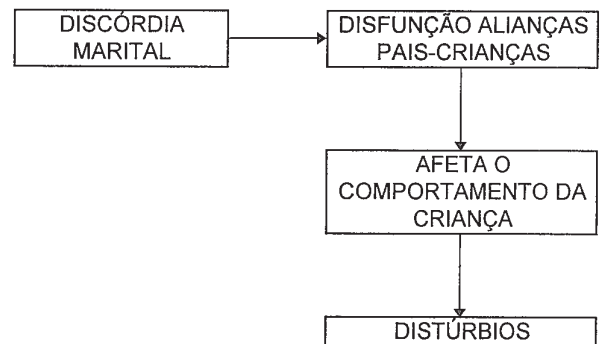
Por exemplo, os pais geralmente se tornam desinteressados e hostis na frente das crianças. A criança também pode sentir que precisa escolher um dos lados do conflito (a este respeito veremos mais adiante as possíveis “alianças” formadas no conflito).

Com relação a uma possível estrutura relacionada a como as crianças respondem ao conflito marital, Grych e Fincham (1990) consideram dois fatores fundamentais neste processo: “o contexto no qual o conflito ocorre, e a interpretação da criança sobre o conflito” (ênfase na cognição). Apresentaremos esquematicamente abaixo, a proposta de Grych e Fincham sobre a estrutura.



Estrutura Cognitiva-Contextual para compreender as respostas das crianças ao conflito marital - Grych e Fincham (1990).

Ainda com relação ao conflito marital X desenvolvimento / ajustamento da criança, Christensen e Margolin (1988) discutem a formação de alianças inadequadas na presença do conflito familiar. Esquemáticamente teríamos:



Com relação à disfunção das alianças, as autoras sugerem a presença de “aliança generacional cruzada” na discórdia marital. Este tipo de aliança seria caracterizada pela ligação da criança (como aliada) com apenas um dos pais. O que ocorre geralmente entre mãe e a criança-problema.

A aliança generacional cruzada poderia levar a distúrbios nas crianças, como por exemplo:

1. provocando ansiedade na criança - forçando-as a estar ao lado de um pai ao invés de outro (significa trair o não escolhido);
2. conflito de confusão na criança - colocando-a em posições indesejáveis relativas ao poder de um pai não aliado;
3. as alianças podem inibir as crianças em seu desenvolvimento social com companheiros (limita o tempo da criança, oferece satisfações que deveriam vir dos companheiros);
4. e a mais importante - a aliança generacional exclui uma grande aliança parental necessária para estabelecer disciplina à criança.

Na pesquisa realizada por Christensen e Margolin (1988), com amostras de famílias stressadas que estavam experienciando discórdia marital e problemas de conduta da criança, e amostra de famílias não-stressadas e “livre” de problemas com as crianças, as autoras observaram em seus resultados que:

“as famílias stressadas com crianças problemas eram caracterizadas por alianças maritais fracas e alianças generacionais

cruzadas discrepantes, e pela dispersão dos conflitos entre sub-sistemas familiares (particularmente no subsistema marital e pais-crianças)”.

Outro estudo interessante é o apresentado por Gottman e Katz (1989), aonde os autores envolvem medidas fisiológicas (provas urinárias / variáveis de catecolamina endócrina), índices de emoção na interação e satisfação marital em suas amostras de crianças e pais, e concluem dentre outros pontos que:

“os casais stressados maritalmente parecem ter crianças que estão sob um alto nível de stress crônico” (medido pelo alto índice de catecolamina urinária), o que provavelmente afeta os relacionamentos da criança com seus parceiros e afeta também a sua saúde física (aumento da suscetibilidade à doença).

Apresentamos aqui os principais aspectos possivelmente envolvidos na associação entre a discórdia marital e problemas no desenvolvimento / ajuste da criança. A seguir abordaremos a questão da violência familiar.

2. VIOLÊNCIA FAMILIAR

a. Agressão entre cônjuges

A evidência teórica e empírica sugere que a agressão marital deve prever problemas nas crianças

independente da discórdia marital geral. Além disso, pais que tendem a ser agressivos nos conflitos maritais tendem também a serem agressivos nos conflitos pais-crianças.

Jouriles e O'leary (1989) relatam que, depois de controlar os níveis de discórdia marital; idade e sexo da criança, observaram que “a agressão marital contribui como uma variância única para a predição de desordem de conduta da criança, desordem de personalidade, inadequação / imaturidade, e níveis clínicos de problemas de comportamento na criança”.

b. Violência Familiar

Nesta discussão estão incluídos os seguintes tipos de violência familiar:

- abuso da esposa (físico);
- abuso físico da criança;
- abuso sexual da criança;
- criança como testemunha da violência conjugal.

Estão excluídos, portanto, a agressão entre irmãos (ou entre membros) e a questão da violência x pais alcoólatras.

As estatísticas americanas apontam que no ano de 1982 ocorreram um milhão de relatos oficiais de abuso de crianças ou negligências, Emery (1989) ainda observa que “tais estatísticas subestimam a

verdadeira incidência de abuso de crianças”, na medida em que muitos casos não chegam a ser registrados em órgãos oficiais.

É importante frisar que nenhuma síndrome de psicopatologia foi encontrada caracterizando os membros abusivos da família. Discute-se que o stress situacional e fatores cognitivos, assim como um limitado conhecimento nos cuidados com a criança, baixa tolerância para demandas comuns como choro, são comuns de serem relacionadas ao abuso (Emery, 1989).

Belsky apud Emery (1989) considera que “a violência familiar talvez seja transmitida através de gerações”, abordando a questão de que provavelmente crianças que foram abusadas, negligenciadas ou testemunha em suas famílias de origem, apresentam um risco aumentado de continuar a violência em sua família de procriação.

Em relação às conseqüências de abuso / violências familiares, Emery (1989) faz observações importantes:

1. Não há uma única reação emocional ou comportamental que tenha sido encontrada para caracterizar crianças abusadas.

As conseqüências são diversas, e incluem: agressões crescentes, relações problemáticas com os colegas, cognições sociais alteradas, depressão, baixa performance em tarefas cognitivas, etc.

O autor também discute que as respostas das crianças à violência familiar servem muitas vezes para os outros membros da família. Utilizando o

termo “bode expiatório”, aonde a criança atrairia para si a atenção dos pais, desviando-os do problema marital (que muitas vezes é mais ameaçador).

Emery (1989) conclui refletindo sobre as possibilidades de prevenção: “se o estado promovesse o aumento de renda para as famílias e oferecesse suportes sociais, a violência familiar provavelmente diminuiria”.

3. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Observamos que a maioria dos estudos focaliza a relação conjugal e a relação pais-crianças perturbadas associadas aos problemas de desenvolvimento da criança.

Infelizmente, constatamos também que as relações familiares podem ser extremamente hostis às crianças, tanto de forma indireta como explícitas e concretas (como no caso do abuso físico e sexual de crianças).

Notamos que inúmeras variáveis estão envolvidas na determinação dos problemas infantis, esta visão mais ampla beneficia a compreensão e relativiza as possibilidades de cada criança em enfrentar e conviver com situações stressoras como as que foram discutidas aqui.

Acreditamos na importância da discussão e aprofundamento destes conhecimentos, para que possamos em nossa prática profissional contribuir, através de orientações, propostas de programas de

intervenções (principalmente a nível primário), contatos com a comunidade / famílias, etc. No sentido de ampliar as ações em saúde, bem como desenvolver na prática esta visão mais globalizante do contexto da criança e seu meio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHRISTENSEN, A.; MARGOLIN, G. Conflict and alliance in distressed and non-distressed families. In: HINDE, R. A., STEVENSON-HINDE (Orgs.) **Relationships within families**. Oxford: Clarendon Press, 1988. p.263-282.
- EMERY, R. E. Family violence. **Amer. Psychologist**, v. 44, p. 321-328, 1989.
- GOTTMAN, J. M.; KATZ, L. F. Effects of marital discord on young children's peer interaction and health. **Dev. psych.**, v. 25, p. 373-381, 1989.
- GRYCH, J. H.; FINCHAM, F. D. Marital conflict and children's adjustment: a cognitive-contextual framework. **Psych. Bull.**, n. 108, p. 267-290, 1990.
- HETHERINGTON, E. M.; STANLEY-HAGAN, A.; ANDERSON, E. R. Marital transitions a child's perspective. **Amer. Psychologist**, v. 44, n. 2, p. 303-312, 1989.
- JOURILES, E. N.; MURPHY, C. M.; O'LEARY, K. D. Interposual aggression, marital discord and child problems. **J. Consulting and Clin. Psych.**, n. 57, p. 453-455, 1989.